

LUZ, CÂMERA E EXTENSÃO: OFICINA DE TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DE TÍTULOS DE FILMES APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E FORMAÇÃO DE TRADUTORES

Tales Giovanni Bernardino (UEM)

Aline Priscilla Brancalhão Züge (UEM - Orientadora)

ra134387@uem.br

Resumo:

A atividade relatada neste trabalho foi desenvolvida como parte da disciplina de Práticas de Extensão em Língua Inglesa II. Partindo da discussão sobre a importância da extensão universitária e seus impactos dentro e fora da academia, foram desenvolvidas oficinas a serem aplicadas junto ao Instituto de Línguas (ILG) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). A oficina que aqui é descrita teve por objetivo abordar a tradução de uma forma mais acessível para o maior número de pessoas, considerando diferentes níveis de proficiência em teorias de tradução e língua inglesa (LI). Para as oficinas, foram selecionados oito títulos de filmes para gerar versões diferentes das canônicas; os alunos foram divididos em grupos e tiveram três minutos para discutir e criar suas traduções. Após finalizada cada sessão, foram escolhidas as melhores traduções, com a criação de um placar para definir as premiações. Sumamente, a partir dos registros obtidos, foi possível corroborar a ideia de que o mesmo título de filme pode ser lido e interpretado de diferentes maneiras durante o processo tradutológico, o que enfatiza o papel do tradutor enquanto agente intermediário que cria, cocria e/ou recria uma obra, noção oriunda da visão pós-moderna de tradução.

Palavras-chave: Tradução; Adaptação; Títulos de filmes; Língua inglesa (LI); Língua portuguesa (LP).

1. Introdução

A Oficina de Tradução e Adaptação de Títulos de Filmes foi desenvolvida como parte das atividades obrigatórias da disciplina de Práticas Extensionistas em Língua Inglesa II, do curso de Letras-Inglês, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). A atividade teve como objetivo permitir que grupos pensassem a tradução de um mesmo *corpus*; enquanto proponentes da oficina, além de conduzi-la, observamos as estratégias adotadas no momento da prática tradutória cronometrada, buscando

perceber a crucialidade da intermediação do agente tradutório, e como este se arraiga no amálgama dos conhecimentos verbo-lexicais aos sócio-histórico-culturais. Ademais, visamos incitar uma reflexão crítica aos participantes e envolvidos com a oficina acerca de noções da pós-modernidade sobre a tradução, ressaltando que ela “não é uma transferência total de significado, porque o próprio significado do “original” não é fixo ou estável e depende do contexto em que ocorre” (Arrojo, 1999, p. 23), *i. e.*, cada escolha tradutória será ideologicamente carregada com o contexto, a cultura e as concepções e visões de mundo do tradutor.

2. Metodologia

Conforme mencionado anteriormente, a oficina foi desenvolvida durante as aulas de Práticas de Extensão em Língua Inglesa II, após a discussão de aspectos teóricos e as políticas da extensão universitária. Foi pensada para englobar um público com diversos níveis de conhecimento de mundo e de proficiência da língua inglesa (LI), diferentes idades, realidades sociais e aptidão na tarefa de tradução. Também foi considerada a possibilidade de uma baixa adesão de participantes.

A oficina consistiu em uma sessão com duração de trinta minutos com os alunos separados em grupos. Cada ministrante apresentava e descrevia um dos filmes; os grupos tinham três minutos de discussão e criação de suas traduções; seguidamente, o ministrante escolhia o título que considerava o “melhor” (escolha feita a partir de critérios subjetivos) e concedia um ponto ao grupo que houvesse feito essa tradução. Em caso de empate entre dois ou mais grupos propusemos uma rodada de “morte súbita”, em que um novo filme era apresentado aos participantes com o tempo limite para a tradução reduzido a apenas um minuto; dessa forma, o placar poderia ser desempatado rapidamente.

3. Resultados e Discussão

A discussão abordada em nossa oficina teve como principal ideia atestar como diferentes pessoas de diversos níveis de inglês e conhecimento sobre teoria da tradução realizam traduções que se difiram das canonicamente adotadas em relação às devidas línguas alvo e base. No dia 1, a oficina contou com a presença de alunos

da UEM que possuíam um conhecimento prévio de teorias da tradução; a realização de nossa atividade extensionista foi executada em sua própria sala de aula. Houve uma recepção positiva pela maior parte dos alunos. No dia 2, com um grupo reduzido em comparação com o primeiro dia, sendo que a maioria dos participantes possuía pouco ou nenhum conhecimento sobre tradução e níveis variados de proficiência em LI; a recepção foi considerada positiva por todos os participantes e realizada em uma sala de vídeo da universidade. O número de inscritos e títulos traduzidos pode ser observado no Quadro 1.

Quadro 1. Registros obtidos nas oficinas

	Dia 1	Dia 2	Total
Alunos Inscritos	18	7	25
Títulos em LP traduzidos em LI	15	6	21
Títulos em LI traduzidos em LP	16	8	24
Total de Títulos	31	14	45

Fonte: Os autores

Como observado acima, a oficina contou com a presença de 25 inscritos ao decorrer dos dois dias de aplicação, sendo 18 no primeiro e 7 no segundo. Os participantes foram divididos em quatro e dois grupos, respectivamente, permitindo o trabalho colaborativo para a produção dos títulos de filme. Durante a preparação dos materiais, escolhemos três filmes brasileiros e quatro internacionais, totalizando sete propostas de tradução para cada grupo. No entanto, visto que no primeiro dia houve um empate nas pontuações,, houve a proposta de um quarto título em LP para os três grupos com pontuação equiparada.

Dessa forma, obtivemos 45 versões alternativas para os oito títulos escolhidos, os quais utilizaram de estratégias diversas de tradução e adaptação. Como resultado, observamos também a reflexão crítica acerca dos conhecimentos exigidos por um tradutor e o grau de autonomia que este tem (ou não) durante o processo tradutológico, enfatizando que o estudante, ao realizar a tradução, não mobiliza “apenas conhecimentos técnicos e linguísticos”, mas “também de conhecimentos

extralinguísticos, tais como cultura, valores e costumes do público-alvo” (Costa; Sousa; Santos, 2015, p. 5-6).

Outrossim, ao observarmos os processos tradutórios dos participantes da oficina, ratificamos a importância de dar protagonismo aos estudantes e aos participantes de práticas oriundas de ações extensionistas, visto que o dialogismo é parte central da extensão universitária, a qual permite que a comunidade externa tenha ciência, participe e tenha acesso a resultados provindos da academia de forma mais acessível e direta. A interação é de suma importância para o campo epistemológico, já que a troca de saberes é extremamente satisfatória no que diz respeito ao conhecimento.

4. Considerações

A partir da observação dos registros coletados durante os dois dias de oficina, conseguimos observar que o mesmo título de filme pode ser traduzido de diversas maneiras diferentes e utilizando estratégias diversas, o que corroborou nossa tese inicial e permitiu um momento reflexivo com os participantes para demonstrar como as diferentes vivências, leituras, contextos e concepções acerca de um mesmo texto podem afetar nas multifacetadas óticas de observação e análise durante o processo tradutório.

Referências

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução**: a teoria na prática. São Paulo: Ática, 1999.

COSTA, Alba Catarina Gama; SANTOS, Naiara Sales Araújo; SOUSA, Thalita Ruth. TRADUÇÃO DE TÍTULOS DE FILMES: ARBITRARIEDADE OU REGRA?. **Revista Ininga**, Teresina, v. 2, n. 1, p. 4-18, 2015.

SILVEIRA, A. L. M. da; ZAMBENEDETTI, G. W.; RIBEIRO, V. G. Diretrizes para orientar a formulação e implementação de ações de Design na Extensão Universitária. **Educação**, [S. l.], v. 44, p. e9/ 1–20, 2019. DOI: 10.5902/1984644423919. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/23919>. Acesso em: 10 jul. 2025.